



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

PARECER Nº 089 /81-AGESP
REF.: PROC./FUNAI/ESB/2989/80

CEDI - P. I. B.
DATA 17/07/86
COD 0D-D31

Sra. Coordenadora da CPC,

Em resposta às informações Nº173/DID/DGPI e Nº 185/DID/DGPI, consideramos que:

Em primeiro lugar os grupos indígenas do PI Nhamundã e PI Mapuera não estão sob a jurisdição da 1a. DR. O PI Nhamundã se encontra sob a jurisdição da 1a. DR, mas O PI Mapuera é jurisdicionado pela 2a. DR.

Outro esclarecimento que se faz necessário diz respeito à população da área delimitada pelo GT da portaria Nº 920/E de 12.01.81. Na aldeia Mapuera habitam os seguintes grupos indígenas com as respectivas populações:

Wai-Wai	-----	209	pessoas
Katuena	-----	136	pessoas
HixKaryana	-----	125	pessoas
Xerieu	-----	88	pessoas
Mawāyana	-----	61	pessoas
Tiriyō	-----	19	pessoas
Karafawyana	-----	16	pessoas
T O T A L	654	pessoas

* Tronco lingüístico Karib

Obs.: Recentemente foram contatados e relocados para habitar a aldeia Mapuera, 16 Karafawyana, índios arredios provenientes da foz do Bracuxi.

Nesse total de 654 pessoas não estão computados, por não se saber à época do senso realizado pelo GT de iden



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-02-

tificação e delimitação da área dos PIs Nhamundá/Mapuera, a que grupo indígena pertenciam, 20 índios. Além destes, cerca de 30 índios estavam ausentes porque haviam se deslocado para comercializar castanha e artesanato na povoação próxima da Porteira (Trombetas). Sendo assim a população aproximada da aldeia Mapuera é de 700 índios e não 1000 índios como consta na informação Nº 173/DID/DGPI.

Considerando toda a área delimitada teríamos uma população total para as aldeias: Cassauã, Porteira e Mapuera de aproximadamente 1000 índios, isto é:

Aldeia Cassauã:	300	
Aldeia Porteira:	24	
Aldeia Mapuera:	<u>700</u>	(informação atual)
T O T A L -----	1024	

A informação nº 173/DID/DGPI, solicita esclarecimentos a respeito do motivo porquê os Kaxúyana são considerados na sua origem um "Povo misturado".

De acordo com o relatório do GT da portaria nº 920/E de 12.01.81, temos que:

"Os Kaxúyana na sua origem é um "povo misturado", alguns grupos subiram o Amazonas e Trombetas, outros baixaram, vindo das cabeceiras do Cachorro, Cachorrinho e Trombetas. Encontraram-se no Cachorro, primeiro brigaram depois se misturaram.

O atual grupo Kaxúyana descende de uma mesclagem de dois elementos étnicos, emigrados na área do Trombetas/Kaxúru (rio Cachorro). Um deles foi constituído, por imigrantes do oeste que se tornaram os Kaxúyana em sentido próprio; O outro eram os Arikyana ou Warikyana, oriundos do leste, das regiões da foz do Amazonas. Os Pawixi também entraram nas terras do Trombetas (anteriormente habitavam os afluentes do rio Erepecuru), juntamente com os Warikyana, porém sem se misturarem com os Kaxúyana" (Relatório de eleição e Delimitação dos PIs Nhamundá e Mapuera (AM/PA) -Jan/81 - Págs: 59 e 60)

"Houve portanto na história dos Kaxúyana diversos cruzamentos intertribais, mas com grupos do mesmo tronco lingüístico, ou seja, Karib e não com elementos de grupos alheios". (Relatório de eleição e Delimitação dos PIs Nhamundá e Mapuera (AM/



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-03-

PA)-Jan/81 - Págs. 61)

Os próprios Kaxúyana, como fica claro nas citações acima, se consideram um "povo misturado", devido aos diversos cruzamentos intertribais ocorridos na sua história.

A emigração de leste, ou seja, dos grupos indígenas que vieram subindo os rios Amazonas e Trombetas indica datar de época relativamente recente, isto é, do tempo da expansão da colonização portuguesa no Amazonas.

As terras ao norte do rio Amazonas, entre este e o oiapoque eram conhecidas sob o nome de "Parikuru". De Paríkuru emigraram, segundo o relato Kaxúyana, dois grupos vizinhos: Arikyana/Warikyana, seus ancestrais e os Mêrêwa/Marāwana. Os Warikyana viviam em Parikuru em harmonia com a tribo vizinha os Marāwana.

No correr do Séc. XVIII ambas as tribos sumiram de Parikuru, devido à pressão feita pelos portugueses do Pará. No final do Séc. XVIII vários grupos indígenas no Pará (Warikyana, etc...) promoveram um levante contra os portugueses e missões. Em consequência desse levante, os portugueses despacharam expedições punitivas que provocaram mortes, prisioneiros e transferências de grupos inteiros para Marajó. Muitos índios fugiram e começaram a aparecer grupos desses índios na foz do Tapajós e Trombetas nessa época.

Os WariKyana seriam os ancestrais dos Karúyana, pois estes pertencem de acordo com José da Gama Malcher à família Warikyana.

Os Ingarúne do alto Trombetas/Panamá de acordo com a tradição Kaxúyana se mesclaram com os Kāhyana, mais ainda assim necessitavam de outros cruzamentos para garantir a sobrevivência grupal. Devido a isso, os Ingarúne desceram do alto Trombetas e encontrando os Warikyana do Yáskuri em condições semelhantes misturaram-se com eles; Entretanto por causa de novas epidemias, que se deveram principalmente ao contato com castanheiros, esse grupo enxertado do Yáskuri em seguida foi habitar no igarapé

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-04-

Ambrósio e rio Cachorro, mesclando-se finalmente com Kaxúyana desse rio.

Portanto, os Kaxúyana se consideram um "povo misturado" devido a todos esses cruzamentos intertribais a que estiveram sujeitos, motivados pela depopulação do grupo e gerados pelo contato.

Os grupos que habitavam o Trombetas começaram a definhar, inicialmente, com o surgimento de mocambeiros no rio Trombetas, escravos fugidos das fazendas do baixo-Amazonas (1836) e as doenças por eles importadas (gripes, tuberculose, etc...).

Os negros mocambeiros se estabeleceram no início do Séc. XVII, principalmente na região dos Káhyana, ou seja, alto Trombetas. Em parte tiveram boa convivência com os Káhyana e outros grupos indígenas com os quais estabeleceram relações comerciais.

Entretanto houve também lutas sangrentas entre os índios Káhyana e mocambeiros.

Todavia um contato mais estreito entre mocambeiros/Kaxúyana surgiu somente depois da Lei áurea (1888), em consequência do qual os negros puderam abandonar o alto rio, ocupando como novo habitat a região da foz dos rios Cachorro, Mapuera e "Porteira".

Barbosa Rodrigues em seu livro "Exploração e estudo do Valle do Amazonas", faz citações a respeito do relacionamento Kaxúyana/Mocambeiros:

"Além do trato com os brancos das povoações, já negociavam também por intermédio dos índios Arequenas, com os Tu hayanas, Charumás, Pianaghtós... com os Arequenas que habitam o rio Caxorro vivem aliados e usam os arcos que estes fazem..." (grifo meu) Relatório de eleição e Delimitação dos PIs Nhamundá e Mapuera (AM/PA) - Jan/81 - pág: 63)

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-05-

Resultou desse contato certa mesclagem, que nós poderíamos dizer ser o único cruzamento interétnico do grupo Kaxúyana, onde o negro deixou uma boa estria de sangue entre esses negros, a citação de Barbosa Rodrigues confirma isso: *Índios*

"... Havendo grande falta de mulheres procuraram as que precisam entre os Arequenás..." (grifo meu - Relatório de Eleição e delimitação dos PIs Nhamundã e Mapuera (AM/PA) - Jan/81 - Pág: 64)

Entretanto os negros que fugiram das Fazendas para as matas, tentavam restabelecer sua vida tribal, apesar de ser um cruzamento interétnico, a relação estabelecida entre Kaxúyana/negros era uma relação simétrica.

A crise de depopulação dos grupos indígenas do Trombetas se deveu mais às doenças trazidas pelos castanheiros que pelo contato com os negros.

Quando em meados da década de 60 tinham deixado de existir os Warikyana, Ingarlúne do Panamã, Kahyana, sobrevivendo apenas o núcleo Káhyana do Trombetas e os Kaxúyana do rio Cachorro, começa novamente o problema para esse grupo pois todos estavam tão aparentados entre si que não havia mais possibilidade de casamento dentro do código tribal de parentesco. A única saída eram novos cruzamentos.

De acordo com o relatório do GT temos que:

"Sob o ponto de vista Kaxúyana havia duas possibilidades: descer o rio Trombetas para a região de Porteira, e morar no meio de população negra mesclando-se, mas tinham bastante consciência tribal de querer ser e continuar "índio", ou se agregar a um dos grupos dos altos rios já que seus aparentados tinham se extinguido. As opiniões variavam entre os Hixkaryana do Nhamundã e os Tiriyô do alto Paru". (Relatório de Eleição e Delimitação dos PIs Nhamundã e Mapuera (AM/PA) - Jan/81 - Pág: 66)

Portanto quando o grupo Kaxúyana em 1968 teve que optar por cruzamentos com grupos não-aparentados, a possibilidade de perder a identidade étnica não foi nem discutida, tendo parte do grupo se transferido para o Nhamundã, agregando-se à missão do Summer Institute of Linguistics que na época atuava na área e a maioria do grupo se transferido para o alto Paru do oeste se agre

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-06-

gando à Missão Franciscana.

Concluimos que tenha ficado explícito pelas colocações acima, o motivo pelo qual os Kaxúyana se consideram um "povo misturado".

No Relatório de Eleição e Delimitação dos PIs Nhã mundã e Mapuera de Jan/81, uma das justificativas para a área eleita se prendia ao fato da criação de novas aldeias.

Informamos no relatório do GT que se fazia necessária essa criação de novas aldeias, a respeito desse fato temos a esclarecer que:

Essa é uma necessidade sentida pelos próprios grupos indígenas da região, uma vez que a concentração a que estão sujeitos não foi escolha dos próprios índios, pois a atuação missionária favoreceu sobremaneira essa concentração.

As missões com frequência tem utilizado o método da "atração missionária", retirando através desse processo grupos indígenas de seu habitat original.

Os WaiWai da aldeia Mapuera, na década de 40, foram atraídos para a Guiana pela missão chefiada pelo pastor Hawkins.

Na década de 40, os missionários protestantes diante de uma negativa dos órgãos competentes brasileiros para estabelecer uma missão no alto Trombetas (Mapuera), fundaram essa mesma missão na Guiana Inglesa.

O número de WaiWai na Guiana Inglesa naquela época era calculado em 33 a 77 pessoas, e para o estabelecimento de uma missão essa população era insuficiente, por isso usaram de todos os meios para atrair os WaiWai do Mapuera, objetivo este que acabaram por conseguir.

Entretanto na década de 70 com o governo socialista, os missionários foram expulsos da Guiana, retornando os WaiWai ao berço originário do grupo: O Mapuera, enquanto que alguns WaiWai se estabeleceram em Roraima, fundando nova aldeia, no rio Anauã.

Deve-se notar que essa concentração de índios nas missões é cômoda para os missionários, uma vez que a população indígena estando reunida em um só local, não há necessidade de penosas viagens à procura das al

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-07-

deias. Além disso, tradicionalmente, segundo Protásio Frikel, os grupos indígenas pertencentes ao tronco lingüístico Karib preferem se organizar em pequenas aldeias.

Na missão do Araraparu convivem várias linhagens Tiriyo que nem sempre se entenderam entre si, devido a recalques de acontecimentos no passado. Na missão do Paru do oeste, existem, atualmente, Tiriyo e Kaxuyana, e em 1969 agregam-se a esta missão um dos dois núcleos restantes dos Ewarhoyana/Kahyana das cabeceiras do rio Kachpakuru (pop.: 13 pessoas).

Os Kaxuyana antes de se mudarem (1968) para o Parque indígena do Tumucumaque, tinham desde descênios, contato com os "civilizados" do rio Trombetas e perceberam a discriminação que o cabloco fazia em relação a eles...

Os Kaxuyana eram considerados "homens da mata", principalmente porque não eram batizados, daí a ânsia dos Kaxuyana para se batizar e batizar seus filhos, pois o batismo dava-lhes prestígio na vizinha sociedade cabloca do Trombetas; Entretanto a distância cultural entre o cabloco e o índio é muito menor que entre índio e missionário, pertencendo esse último à chamada "frente selecionada", portanto esse último contato foi muito mais prejudicial à cultura indígena que o primeiro.

Quando os Kaxuyana passaram a habitar juntamente com os Tiriyo no Parque indígena do Tumucumaque houve uma situação de tensão social gerada pelos diferentes graus de acultura-ção. Assim também se processa na aldeia Porteira do Nhamundã onde convivem Kaxuyana e Tiriyo.

Vários casamentos intertribais ocorridos no Nhamundã entre Kaxuyana e Hixkaryana foram dissolvidos devido às diferenças culturais e de grau de aculturação. Por exemplo: regra de residência entre os Hixkaryana é matrilocal enquanto que o sistema Kaxuyana é patrilocal. Quando uma moça Hixkaryana se casava com um rapaz Kaxuyana, este se recusava a prestar serviços para o sogro, etc... e naturalmente o casamento era dissolvido.

No Mapuera, tendo os Waiwai sido convertedos em protestantes batistas, devido à "ideologia da missão", tentam catequisar outros grupos indígenas, por exemplo, os Katuena e Xereu foram convertidos e relocados para a aldeia Mapuera, assim também aconteceu recentemente com os Karafawyana de foz do Bracuxi.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO
FUNAI

-08-

Portanto, atualmente, habitam no Mapuera WaiWai, Katuena, HixKaryana, Xerieu, Mawāyana, e Karafawyana. Esta interação de grupos indígenas diferentes, pode formar dentro de uma ou duas gerações uma "jovem guarda" dissociada, destribalizada e separada dos conceitos tradicionais, porque afinal não sabem mais qual seu verdadeiro lugar e o que socialmente são. Além disso o fato de Índios em diferentes estágios de aculturação e com culturas relativamente diferentes conviverem numa mesma comunidade, gera a discriminação social, provocando uma situação de tensão social.

Outra desvantagem dessas concentrações indígenas se refere ao plano econômico e consiste nos problemas de alimentação decorrentes da aglomeração de muita gente. Antigamente as pequenas aldeias estavam espalhadas sobre um território bastante vasto, com distâncias de 1 a 2 dias de uma para outra. Para um grupo pequeno a mata ao redor dava para fazer roças durante anos e havia caça e peixe suficientes próximos às aldeias.

Mas o problema maior gerado por essa situação é a lenta descaracterização dos Índios submetidos à concentração que pode ser considerada como primeiro passo para uma destribalização.

Atualmente, começa-se a notar um movimento descentralizador devido a esses problemas, onde linhagens indígenas tendem a restabelecer sua vida tribal em aldeias separadas das missões, mas próximas à ela, como je; relativamente, o caso dos Katuena, na aldeia Mapuera, que tem se afastado do centro da aldeia para, se estabelecerem próximos à pista de pouso.

Concluimos portanto que a tendência das próprias comunidades do Nhamundã e Mapuera em criar novas aldeias deva ser apoiada devido a todos os problemas que a concentração tem acarretado.

Na informação nº 185/DID/DGPI, foi solicitado esclarecimento sobre se a área delimitada correspondia às de posse memorial dos grupos indígenas do Nhamundã e Mapuera.



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-09-

De acordo com o art. 26 do Estatuto do Índio, pará
grafo único temos que:

" as áreas reservadas na forma desse artigo não se confundem com as de posse imemorial das tribos indígenas, podendo organizar-se sob uma das seguintes modalidades:

- a) reserva indígena
- b) parque indígena
- c) colônia agrícola indígena
- d) Território Federal indígena."

De acordo com o Relatório de Eleição e Delimita -
dos PIs Nhamundã e Mapuera (AM/PA) de Jan/81 temos que:

"... Desde tempos imemoriaes, isto é, desde antes de haver El Rei de Portugal resolvido crear a capitania de São José do rio Negro e de ter Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador do Maranhão e Grão Pará, determinado os limites das duas Capitã
nias, que naquellas regiões, quasi apenas por selvagens habita
das... ." (pa'g: 55)

Baseando-nos na memória tribal:

"Os Hixkaryana portanto, na época da colonização portuguesa, no Séc. XVIII, habitavam o baixo Nhamundã, como demons
traram as palavras do Tuxana Pedro:

"Antigamente, os Hixkaryana brigaram entre si, se dividiram e muitos morreram de doenças trazidas pelos portugueses ,
lã em baixo no Nhamundã, os portugueses entraram e os Hixkaryana fu
giram..." (Relatório de Eleição e Delimitação do PIs Nhamundã e Ma
puera (AM/PA) - Jan/81 - Pa'g: 79)

Nesta delimitação o GT levou em consideração as
necessidades atuais dos grupos indígenas, pois se tivéssemos consi
derado a imemorialidade de ocupação, até mesmo as cidades de Faro e
Nhamundã poderiam ser consideradas como área indígena.

As informações nº 1173/DID/DGPI e nº185/DID/ DGPI solicitam maior detalhamento das atividades econômicas desenvolvi
das na área delimitada. Repetindo o que já consta do relatório do
GT (Jan/81):

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-10-

A economia da aldeia Cassauã baseia-se em primeiro lugar, na venda do artesanato e em segundo lugar na comercialização da castanha; para efetuar o comércio da castanha nas cidades próximas (Faro e Nhamundã), possuem dois motores de pôpa e um motor de centro comprado pela comunidade. No final de fevereiro, março e abril, é a época da coleta da castanha, quando as aldeias Cassauã e Porteira, ficam praticamente abandonadas.

Os Kaxúyana da aldeia Porteira, por ser um grupo mais aculturado vive em sistema de aviamento, sendo continuamente explorados pelos poucos regionais da área; a base da economia desse grupo é apenas a coleta da castanha.

A economia da aldeia Mapuera se baseia na comercialização do artesanato, castanha e farinha (Povoação da Porteira-Trombetas).

Um problema econômico sério na área se refere à atividade de pesca. Quando o sistema pluviométrico é alto, ou seja, na época das chuvas, o rio sobe e os peixes que antes estavam concentrados se espalham, essa é também a época da desova, procurando os peixes se esconderem para tal, portanto nesse período (janeiro - julho) a pesca rareia bastante na região. Devido a este problema incluímos a Cachoeira Uini, na proposta de delimitação, já que nessa área a quantidade de peixes é boa em qualquer época do ano.

Os HixKaryana costumam com frequência pescar no riozinho (MACAUARI) que representa uma das divisas da proposta de terras do GT. Esse rio é importante para os grupos indígenas do Nhamundã porque pode-se atingi-lo na época da seca com motor de centro, e nessa época (seca: agosto - dezembro) é também a época de maior quantidade de peixes.

Outro problema sério econômico que atinge os grupos do Nhamundã é no que diz respeito a agricultura, a infestação por saúvas de muitas áreas que são por isso inaproveitáveis, economicamente. Diversas roças se encontram desativadas devido a esse problema:

- 1) Roça do Igarapé Cachoeirinha
- 2) Roça Benedito Preto
- 3) Roça Cabeça de Veado
- 4) Roça Paraíso

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-11-

Portanto a proposta para delimitação se baseou nas necessidades de sobrevivência dos grupos, e não na imemorialidade. Por exemplo, no rio Jatapu tanto os grupos indígenas do Nhamundã como do Mapuera, costumam uma vez por ano fazer expedições de caça e pesca, entretanto não o incluímos na proposta de delimitação por não ser vital para a sobrevivência dos grupos indígenas dessa região. (Relatório de Eleição e delimitação dos PIs Nhamundã e Mapuera (AM/PA) - Jan/81 - pa'g. 183)

No Relatório de delimitação pedimos a criação de uma reserva indígena para o Nhamundã/Mapuera em uma área contígua, pois os grupos indígenas do Nhamundã frequentam assiduamente o Mapuera e vice-versa. Essa área entre as duas aldeias (Cassuã x Mapuera) não pode ser considerada como simples área de perambulação, pois não é assim; Existem Hixharyana no Mapuera assim como existem WaiWai no Nhamundã, sendo frequentes as visitas de parentes. Quando uma comitiva da aldeia Cassauã chega ao Mapuera ou vice-versa, há um verdadeiro "ritual" relacionado a esse acontecimento.

Concluimos que tenha ficado claro o motivo pelo qual a área do Nhamundã/Mapuera deva ser uma área contígua.

Procuramos demonstrar no relatório que existem índios arredios nas cabeceiras do Jatapu, inclusive já se encontram na aldeia Mapuera 16 Karafawyana relocados da foz do Bracuxi pelo Chefe WaiWai, Ewka. Depois de se efetivar a atração de todos esses grupos no Jatapu, vai ser necessária a criação de uma outra reserva no futuro para esses grupos. Como o habitat desses grupos é contíguo à área do Mapuera, sugerimos futuramente a criação de um Parque.

Entretanto, o que se faz necessário com urgência no momento é a demarcação da reserva ora delimitada, pois será instalada uma hidrelétrica na Cachoeira Porteira (Trombetas) que inundará, futuramente a aldeia Mapuera.

A área delimitada não apresenta por enquanto problemas de invasão, somente no Nhamundã existem cerca de dois castanheiros que permanecem na área na época de coleta da castanha, possuindo pequenas roças. No Mapuera não existem posseiros, mas a hidrelétrica ainda está na fase de estudos, consideramos que a construção de barragem atrairá muita gente, como já vem acontecendo em pequena escala, o que facilitará as invasões das terras indígenas, sugerimos portanto que não esperamos a execução do projeto de Cachoeira Por -



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-12-

teira, pois somente daqui a 6 anos acontecerá a inundação. Mas se demarcarmos a área teremos um instrumento legal para evitar invasões, e depois quando tivermos as cotas exatas de inundação, poderemos compensar essa área em terras de acordo com o que a comunidade indígena preferir.

Baseando-nos na portaria nº 517/N de 03/08/78 que determina normas para delimitação de áreas indígenas; Especificando as atividades econômicas desenvolvidas no Nhamundã e Mapuera, teríamos o seguinte:

NHAMUNDÃ

Roças do Nhamundã (vide mapa em anexo)

As roças dos Kaxúyana são retangulares, não são redondas como a dos WaiWai e HixKaryana.

1) Roça do Igarapê Pirarara - após a colocação do almerindo, na margem esquerda do Nhamundã.

Nº de malocas: 3

Culturas: banana, cana, mandioca e mamão.

Extensão: 2 Ha aprox.

Roça coletiva: Kaxúyana e Tiriyô

2) Roça do Igarapê Cachoeirinha - margem direita do Nhamundã.

Nº de malocas: 4

Culturas: banana, cana, milho, abacate, carã e mandioca.

Extensão: 1 Ha aprox.

Roça coletiva: Kaxúyana e Tiriyô

3) Roça de Porteira: na margem esquerda do Nhamundã, ao lado da aldeia Porteira.

Nº de malocas: não existem malocas pois se localiza bem próxima à aldeia.

Culturas: bananas, cana, mandioca e mamão.

Extensão: 2,5 Ha aprox.

Roça coletiva: Kaxúyana e Tiriyô.

4) Roça da Fumaça: margem esquerda do Nhamundã, em frente à Cachoeira Fumaça.



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-13-

Nº de malocas: 10 e (1 casa de farinha)

Culturas: mandioca, batata, banana, cana, milho e macaxeira

Extensão: 10 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

5) Roça do Primeiro Ponto:

Nº de malocas: 3

Culturas: banana, mandioca, carã, cana, abacaxi, algodão e curauã.

Extensão: 4 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

6) Roça Joana

Nº de malocas: 3

Culturas: banana, jerimum, cana, batata-doce e mandioca.

Extensão: 2 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

7) Roça do Tabocal

Nº de malocas: 7

Culturas: mandioca, abacaxi, banana, cana e curauã

Extensão: 3,5 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana e Karara

8) Roça do Cantagalo

Nº de malocas: 8

Culturas: mandioca, batata, abacaxi, cana, jerimum, melancia e carã.

Extensão: 4 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana e WaiWai

9) Roça da Cachoeirinha

Nº de malocas: 8

Culturas: mandioca, banana, abacaxi, algodão, curauã, jerimum, melancia, carã, cana, mamão.

Extensão: 6 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana e 2 WaiWai

10) Roça Benedito Preto

Nº de malocas: 3

Culturas: mandioca, jerimum, cana, batata e banana.



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-14-

Extensão: 1 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

Obs.: Essa roça sofre infestação por saúvas.

11) Roça do Igarapê Grande:

Nº de malocas: 3

Culturas: mandioca, cana, jerimum, mamão, carã, abacaxi, banana.

Extensão: 2 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

12) Roça cabeça do Veado:

Nº de malocas: 1

Culturas: mandioca, banana, carã, cana, mamão e batata-doce.

Extensão: 10 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

Obs.: Essa roça sofre infestação por saúvas, além dos índios reclamarem de pegar "doenças" naquela região, estando atualmente desativada.

13) Roça Paraíso:

Nº de malocas: 4

Culturas: banana, cana, mandioca, batata, carã, algodão e curauã.

Extensão: 8 Ha aprox.

Roça coletiva: Hixkaryana e WaiWai.

Obs.: Essa roça sofre infestação por saúvas, além de que os índios se queixam de quando vão lá pegam doenças, como verminose e malária.

Roças internas:

a) Roça do Pedro

Nº de malocas: Nº tem pois é próxima

Culturas: batata, mandioca e banana.

Extensão: 50m x 50m = 2.500 m² aprox.

Roça individual: Pedro (e família)

b) Roça Tutkomtû

Nº de malocas: não tem pois é próxima a aldeia

Culturas: mandioca, banana, cana, abacaxi e carã



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-15-

Extensão: 6 hectares aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

c) Roça Waiana

Nº de malocas: não tem pois é próxima a aldeia

Culturas: carã, banana, mandioca, cana, abacaxi e macaxeira

Roça coletiva: HixKaryana

Extensão: 2 hectares aprox.

d) Roça do Uemokô (Joãozinho)

Nº de malocas: não tem pois é próxima a aldeia (15 min. de caminhada)

Culturas: mandioca, cana, banana e batata

Extensão: 1,5 hectares aprox.

Roça individual: Joãozinho (e família)

e) Roça do Igarapé Pequeno

Nº de malocas: 1

Culturas: banana, cana, mandioca, batata e curauã

Extensão: 8 hectares aprox. (4 roças)

Roças coletivas: WaiWai e HixKaryana

f) Roça Aifamata

Nº de malocas: não tem pois é próxima à aldeia

Culturas: mandioca doce, mandioca brava, banana, cana, bata-ta-doce, carã, jerimum, abacaxi, curauã e cajú.

Extensão: 4 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana e WaiWai

g) Roça de guaraná

Nº de malocas: não tem pois é próxima a aldeia

Cultura: guaraná

Extensão: 10 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana e WaiWai (Projeto da FUNAI)

h) Roça do remanso

Nº de malocas: não tem porque se localiza próxima a aldeia

Culturas: cajú, maracujã, abacaxi, banana e mandioca

Extensão: 2 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana e WaiWai



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-16-

1) Roça do Valdir (Tkerefū)

Nº de malocas: não tem porque se localiza próxima à aldeia

Culturas: banana e cana

Extensão: 1 Ha aprox.

Roça individual: Valdir (e família)

j) Roça Anarotí (igarapê anivota)

Nº de malocas: não tem

Culturas: mandioca, cana, algodão, abacaxi, batata-doce, cará, cajú, pimenta, milho, melancia, jerimum, curauã e banana.

Extensão: 3,5 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana e WaiWai

K) Roça Aifanata

Nº de malocas: não tem

Culturas: Curauã, mandioca, abacaxi, cana, banana, algodão, cajú, jerimum, batata, melancia e cará.

Extensão: 4 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana e WaiWai.

l) Roça Parã e Caracrū

Nº de malocas: não tem

Culturas: abacaxi, mandioca, macaxeira, jerimum, banana, "Frechas", algodão, curauã, cará, batata, melancia, cajú, café, feijão, branco, preto, arroz, pimenta, pimentão, milho, pepino e cebola.

Extensão: 4 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana e WaiWai.

M) Roça Xowowō

Nº de malocas: não tem

Culturas: mandioca, abacaxi, banana, cajú, curauã, "Frechas, jerimum, algodão, mamão, banana, pimenta, pimentão, melancia e milho

Extensão: 3 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

B) Áreas de caça do Nhamundã (vide mapa em anexo)

1) caça: queixada, anta, nambū, mutum, porco do mato, veado, cutia, xuxio, guariba e coatã (macaco)



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-17-

2) caça: anta, veado, paca, caititu, jaboti, tatu, camaleão, jacaré e arara.

3) caça: macaco prego, preguiça, nambú, tamanduã e cobra.

4) caça: onça, ariranha e lontra

5) caça: macaco (guariba e coatã), paca, cutia, mutum, jacamim, gavião, nambú, jacu e tucano.

6) caça: tartaruga, tracajã e camaleão.

7) caça: jacaré, anta, veado, coatã, guariba, queixada e tatu.

C) Áreas de pesca no Nhamundã:

1) pesca: matrijão, surubim, pacú (um dos melhores pontos de pesca)

2) pesca: arraia, carangueijo, tracajã e camarão.

3) pesca: viriote, pirarara, cuchuba, tambaqui, pirarucú e peixe-boi.

4) pesca: acari, carangueijo, trairão e tucunaré

5) pesca: peixe cana, pacú e aracú

6) pesca: piranha, aracú, tracajã e canamã.

7) pesca: acari, pueraquê, peixe cana, pacú, piranha e aracú.

8) pesca: arraia, puraquê, jacaré e peremã.

9) pesca: carangueijo, camarão e arraia.

10) pesca: pacú, viriote, surubim e tucunaré.

A) ROÇAS DO MAPUERA (vide mapa em anexo)

1) roça

Nº de malocas: 5

Culturas: mandioca, banana, cana, abacate, batata-doce, cará e cajú.

Extensão: 3 Ha aprox.

Roça coletiva: Mawayana

2) roça

Nº de malocas: 12

Culturas: mandioca, macaxeira, banana, milho e cará.



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-18-

Extensão: 5 Ha aprox.

Roça coletiva: WaiWai

3) Roça

Nº de malocas: 5

Culturas: cana, banana, mamão, milho e pimenta

Extensão: 2 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

4) roça

Nº de malocas: 4

Culturas: mandioca, milho, abacate, jerimum, macaxeira, "frechas" (material usado na confecção de arcos e flechas)

Extensão: 1,5 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

5) roça

Nº de malocas: não tem

Culturas: banana, batata-doce, carã, cana e pimenta

Extensão: 1,5 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

6) roça

Nº de malocas: 3

Culturas: mandioca, cana e mamão

Extensão: 1,5 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

7) roça

Nº de malocas: 2

Culturas: cana, banana, carã e pimenta

Extensão: 4 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana

8) roça

Nº de malocas: 5

Culturas: banana, abacate, milho, cana e macaxeira

Extensão: 4 Ha aprox.

Roça coletiva: HixKaryana



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-19-

9) Roça do Igarapê Aracû

Nº de malocas: 2

Culturas: carã, macaxeira, cana, mandioca e jerimum

Extensão: 4 Ha aprox. (2 roças)

Roça coletiva: WaiWai

10) roça

Nº de malocas: 8

Culturas: banana, mandioca, cajú, algodão e carã

Extensão: 10 Ha aprox.

Roça coletiva: Tiriyô

11) roça

Nº de malocas: 1

Culturas: banana, mandioca e cana

Extensão: 2 Ha aprox.

Roça coletiva: Katuena

12) roça

Nº de malocas: 6

Culturas: "frechas", mamão, algodão, mandioca, cajú e maca

xeira

Extensão: 6 Ha aprox.

Roça coletiva: Katuena

13) roça

Nº de malocas: 4

Culturas: cana, mamão, batata e mandioca

Extensão: 6 Ha aprox.

Roça coletiva: Katuena

14) roça

Nº de malocas: 10

Culturas: mandioca, macaxeira, jerimum, abacate, batata, melancia, goiaba e "frechas"

Extensão: 12 Ha aprox.

Roça coletiva: Xerieu



15) roça

Nº de malocas: 7

Culturas: banana, mandioca, algodão, pimenta, carã, jerimum
e batata

Extensão: 10 Ha aprox.

Roça coletiva: WaiWai

16) roça

Nº de malocas: 6

Culturas: banana, mandioca, cana, carã, jerimum, algodão e
mamão

Extensão: 3 Ha aprox.

Roça coletiva: Xerieu

ROÇAS INTERNAS

A primeira se localiza aproximadamente 500 mts da aldeia e a mais distante fica há 3 horas de caminhada. São ao todo 14 roças internas todas em círculos, perfazendo um total de 10 Ha a proximadamente.

GRUPO A

Nº de malocas: não tem

Culturas: mandioca, macaxeira, mamão, cana, milho, "frechas", carã e batata-doce.

Roça coletiva: WaiWai

GRUPO B

Nº de malocas: não tem

Culturas: cana, milho, melancia e banana.

Roça coletiva: WaiWai

GRUPO C

Nº de malocas: não tem

Cultura: macaxeira, mandioca, banana, cana e jerimum.

Roça coletiva: WaiWai



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-21-

GRUPO D

Nº de malocas: não tem

Culturas: banana, cana, abacate, pimenta e jerimum.

Roça coletiva: WaiWai

Obs.: Devido à construção da hidrelétrica de Cachoeira Porteira, dentro de três meses teremos a fotografia aérea do Mapuera, de modo a sabermos com exatidão a extensão das roças e localização.

B) ÁREAS DE CAÇA DO MAPUERA: (vide mapa em anexo)

1) caça: tatu, jabuti, veado, anta, cutia, paca, coati, queixa da e porco do mato.

2) caça: tatu, jabuti, cutia, veado, anta, paca, coati, queixa da e porco do mato.

3) caça: mutum, macaco, (prego, guariba e coatã), jacamim, tuca no e arara.

4) caça: macaco guariba e camaleão.

5) caça: mutum, jacu, tucano, nambú e jacamim.

6) caça: macaco, tatu, jabuti, veado, anta, cutia, paca, coati, queixada e porco do mato.

C) ÁREAS DE PESCA DO MAPUERA:

1) pesca: traírao, surubim e tracajá.

2) pesca: pacú

3) pesca: piranha, surubim, traírao, viriote, pacú e tracajá.

4) pesca: cujuba.

5) pesca: piranha, viriote, pacú e traírao

6) Pesca: piranha, viriote, pacú e traírao

7) pesca: tracajá.

8) pesca: traírao, surubim e piranha.

Obs.: todas essas atividades econômicas se encontram especificadas no mapa.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-22-

De acordo com as áreas de caça no Mapuera pode-se constatar que nas áreas "3" e "5" é que os WaiWai possuem maior quantidade de araras e tucanos, que são utilizados nos mais variados artesanatos do grupo (tangas, flautas, colares, etc...) e que ocasionalmente servem também como alimentação.

Nas áreas "1", "2" e "6" é que existem maior quantidade de veados que são muito apreciados na alimentação dos grupos indígenas do Mapuera, e cujos ossos são utilizados na confecção das flautas.

De acordo com as áreas de caça do Nhamundã temos que nas áreas "2" e "5" que os HixKaryana conseguem obter maior quantidade de araras e tucanos utilizados na confecção do Artesanato. Na área nº "4" é que se encontram com maior frequências, onças, cujas peles atualmente tem sido utilizadas na confecção de tambores.

Obs.: Nas áreas de caça e pesca acima relacionadas, não estão esgotados o nº de animais ou peixes que se encontram naquelas regiões, mas o que se pretende demonstrar apenas é a concentração de algumas espécies em determinadas áreas.

Além desses esclarecimentos, gostaríamos de acrescentar que na informação nº 173/DID/DGPI na pág. 220 consta que .."a caça e a pesca são realizadas com armas tradicionais, bem como com espingardas"

A caça e pesca tanto no Nhamundã como no Mapuera são realizadas com espingardas e anzóis, e não com as armas tradicionais. Últimamente, devido as péssimas condições do PI Mapuera, como os índios dessa comunidade não possuem recursos para a aquisição de chumbo, algumas vezes são obrigados por essa circunstâncias a caçar com arco e flecha.

Nesta mesma informação consta que: "a proposta desse grupo é basicamente a mesma do projeto FUNAI/RADAM, sendo que acrescentaram 50.000 ha." (pág. 226)

Na realidade não acrescentamos área alguma, tendo apenas reajustado a proposta antiga, pois os membros da equipe FUNAI/RADAM nem mesmo estiveram no Mapuera, tendo realizado a delimitação através de "informações colhidas no PI Nhamundã".

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-23-

Tendo em vista que a comunidade indígena do Mapuera possui roças em ambas as margens do rio, como constata o mapa em anexo, naturalmente incluímos toda a bacia na delimitação, uma vez que a proposta antiga fosse apenas pela margem direita do rio Mapuera.

Uma das justificativas dadas a respeito da proposta do GT, se baseia no alto crescimento demográfico e planos de criação de novas aldeias, e essa é uma justificativa em última análise econômica e social, como já demonstramos acima. Segundo a informação nº 173/DID/DGPI temos que:

"Segundo o próprio GT, para a justificativa de sua proposta - fls. 184 - foi levado em consideração o crescimento demográfico e os planos de criação de novas aldeias. Além disso, não considerando essas justificativas suficientes, justificam a eleição da área pela capacidade que tem a comunidade indígena de preservar o equilíbrio ecológico, o que não acontece com a penetração de companhias mineradoras e de outras atividades.

O grupo de trabalho não desenvolve sua argumentação em termos de justificar a proposta a partir da utilização econômica da área limita-se às justificativas expostas acima" (pág:226).

A respeito dessa consideração temos a informar que:

No relatório de Eleição e delimitação das áreas dos PIs Nhamundã/Mapuera, em sua conclusão, consideramos que sendo a agricultura praticada pelos índios de coivara, a fonte de nutrientes, ou seja, a matéria orgânica é destruída já na fase inicial de preparo do solo. Dessa forma as colheitas no primeiro ano são boas pois as plantas se nutrem do "humus" residual originário da matéria orgânica antiga e nas colheitas subsequentes a produtividade decresce chegando ao esgotamento em poucos anos. Esse processo torna imprescindível grandes áreas de plantio pois os índios fazem rotação de culturas e terras, portanto essa justificativa é econômica e também cultural, pois a agricultura de coivara faz parte da cultura de diversos grupos indígenas.

Sobre esse aspecto poderia se argumentar que "grandes áreas de plantio" poderiam ser substituídas por projetos agrícolas e agricultura intensiva.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-24-

De acordo com novos estudos efetuados, dentro de uma abordagem ecológica, se constatou que existe oposição nos saldos de balanço energéticos entre agricultura extensiva e intensiva. A agricultura moderna feita de forma predominantemente intensiva, tipicamente de monocultura, leva a um aumento de consumo de energia por unidade produzida, que resulta em um saldo negativo em seu balanço energético. De outro lado, a agricultura extensiva, apresenta um saldo positivo no balanço energético.

A agricultura indígena é extensiva e diversificada, ao passo que a agricultura tecnológica é intensiva. O ecossistema tende a se tornar mais complexo, ou seja, mais diversificado e manter uma só cultura, numa só área, segue maior custo energético e se estabelece uma verdadeira guerra entre o homem e a natureza.

Em termos energéticos, o índice do balanço seria o rendimento em calorias dos alimentos sobre a energia aplicada (Ex: limpeza do mato, colheita, etc...), isto é, o índice representa a relação entre energia produzida/energia investida.

Portanto a agricultura extensiva dos indígenas não é como se supõe, uma agricultura tradicional e devastadora, pois pode ser realizada durante séculos sem trazer prejuízos ao meio ambiente.

O estilo industrial agrícola demanda grande necessidade de derivados de petróleo, diante da problemática atual do esgotamento potencial das reservas mundiais de petróleo, esse consumo energético poderá se tornar inviável.

Concluindo, a agricultura extensiva, em termos de balanço energético é muito mais eficaz que a agricultura intensiva. A agricultura de coivara, desde que se tenha, como no caso de reservas indígenas, "grande quantidade de terras que possibilitem a rotatividade, é a mais desejável a nível ecológico e energético. Entretanto isso não significa uma posição saudosista pois a concentração populacional em centros urbanos inviabilizam uma agricultura apenas extensiva, tornando a intensificação necessária nesses casos. Mas nas reservas indígenas considero que a agricultura intensiva deva ser mantida devido ao exposto, e essa justificativa a meu ver, seria eco



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

-25-

nômica e cultural.

Brasília-DF., 29 de setembro de 1.981.

M^{te} da Penha e - de Almeida

MARIA DA PENHA CUNHA DE ALMEIDA

Antropóloga